

NEGLIGENCIANDO A ALMA

Maurice J. Roberts

A Bíblia nos adverte inúmeras vezes a vigiarmos nosso próprio coração. Apesar disso, com grande frequência, os crentes tropeçam e caem por falta de diligência no cumprimento deste dever elementar! Não é em vão que a Bíblia nos diz: “Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade” (Pv 16.32).

Muitos homens têm servido seu país como presidente ou primeiro-ministro, todavia, não têm sido capazes de cuidar de seu próprio coração e vida, protegendo-os de pequenas concupiscências e tentações comuns. Muitos líderes distintos têm comandado exércitos na terra e esquadras no mar, porém não têm sido capazes de resistir um ou dois pecados assediadores. As batalhas mais intensas não ocorrem fora de nós, e sim em nosso íntimo. Esta é a maneira como a Bíblia encara o assunto. Por esta razão, a Palavra de Deus

nos diz: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4.23).

Guardar o coração não é uma obra pela qual os homens nos louvarão ou nos darão reconhecimento. É uma atividade secreta da alma, oculta para todos, exceto para Deus. Esta obra não nos proporcionará um título honroso de Doutor em Divindade, tampouco nos levará a alguma posição de prestígio acadêmico. Por conseguinte, é pecaminoso minimizar este dever secreto de vigiar o próprio coração, vendo-o como uma tarefa insignificante na qual não devemos prender nossa atenção.

Somos propensos, especialmente quando crentes novos, a medir a importância de nossos deveres espirituais pelo grau de posição que eles nos proporcionam diante das pessoas. Talvez isto não seja totalmente errado, mas é uma atitude que tem os seus perigos. A escada de Satanás

para a fama e o sucesso geralmente tem degraus podres que os homens não percebem de imediato.

Somos bastante imaturos no que diz respeito a avaliarmos nossas prioridades espirituais. Podemos nos preparar com diligência para realizar deveres exteriores e nos apressar nas preparações secretas. Nossos sermões estão prontos, mas nosso coração está despreparado. Nossa vida exterior é impressionante, porém nossa vida particular pode estar em desordem. Pregamos contra o pecado com muita ortodoxia, contudo, não lamentamos suficientemente a respeito do pecado em nossa devoção particular. De que outra maneira podemos explicar as quedas de pastores que nos deixam admirados e chocados? De que outro modo podemos justificar os escândalos repentinos e as trágicas apostasias? O homem interior do coração foi esquecido na pressa e afobação de atendermos aos deveres públicos.

A Bíblia corrige esta abordagem desequilibrada a respeito das prioridades espirituais. Ela nos instrui a olhar para a nossa própria alma, antes de colocarmos o mundo ao nosso redor em ordem. A Bíblia nos ordena a nos certificarmos quanto à raiz, antes de nos preocuparmos com as flores e os frutos. Se a raiz for saudável, haverá bom fruto no devido tempo. No entanto, frutos prematuros podem murchar e morrer, em pouco tempo, quando as raízes da árvore são negligenciadas. “Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta” (Jo 15.2).

A alma é o maior tesouro que possuímos. Portanto, guardar a alma

e cuidar da saúde dela é a nossa mais elevada sabedoria. Apesar disso, quão raramente o fazemos! Se a sociedade reflete as opiniões íntimas do homem a respeito da vida, que lugar insignificante a alma ocupa em nossos dias! Os pais espirituais edificaram igrejas; nós construímos supermercados e estádios. Os pais espirituais liam a Bíblia e estudavam teologia, mas nós lemos — se é que lemos — ficção, fantasia e tolices. Os pais espirituais vigiavam a sua alma e a de seus filhos; todavia, as pessoas de nossa época pensam apenas no corpo e seus apetites. Devemos esperar que o mundo exterior siga o seu ponto de vista pagão a respeito da vida. O crente, porém, nunca pode abandonar suas prioridades bíblicas. A preocupação com a alma tem de vir em primeiro lugar, se nossas vidas têm de glorificar a Deus.

O crente deve cuidar de sua alma como se esta fosse uma propriedade de Deus em seu íntimo. Afinal de contas, a alma é aquilo que nos distingue dos animais. A alma é a parte que originalmente portava a imagem de Deus. Nossa alma é imortal e eterna. Embora o pecado tenha danificado severamente a imagem de Deus na alma, a regeneração restaura, no verdadeiro crente, esta imagem perdida. Se conhecemos o valor da alma, devemos mantê-la como uma coroa de jóias e colocar em alerta todas as faculdades que possuímos, a fim de protegê-la.

Uma das razões para vigiarmos nossa alma deve ser esta: *um deslize pode estragar, de uma só vez, todo o bem que tivermos realizado*. Um ho-

mem pode ser um missionário ou um pregador fiel durante vários anos. Mas, se ele escorregar e prejudicar sua reputação, por causa de algum tropeço irrefletido, todas as boas coisas que ele realizou durante vinte ou mais anos serão apagadas da mente dos homens, devido a este tropeço, que foi praticado talvez em um único dia. Essa é a natureza precária da vida que desfrutamos como pessoas espirituais. Andamos em uma corda-bamba moral em todo o nosso caminho, até chegarmos seguros do outro lado.

Esta deve ser a segunda razão para vigiarmos nossa alma: *a sutileza de nosso inimigo*. Talvez não lembremos como deveríamos o fato que temos um adversário que não cessará, em momento algum, de tentar levar-nos à queda? Sa-

tanás conhece bem nossa fragilidade e nosso amor pela comodidade. Ele pode adaptar sua isca ao nosso gosto. Satanás pode nos oferecer, assim como ofereceu ao apóstolo Pedro, um fogo onde poderemos nos aquecer. Ele pode encontrar, assim como o fez a Sansão, uma Dalila que nos induza ao sono fatal. Satanás pode misturar seu cálice com tanta esperteza, que o bebedor não acordará, até que sua alma esteja nas chamas do inferno. Aquele que duvida de tudo isso

deve pensar em Balaão, Saul e Judas Iscariotes.

Se precisamos de uma terceira advertência para não negligenciarmos nossa alma, esta advertência deve ser: *o extremo cuidado que nosso bendito Senhor demonstrou em relação a Si mesmo*. Aos doze anos de idade, Ele se mostrou mais preocupado em adquirir conhecimento da verdade do que em sentir medo de deixar seus pais inquietos. Esta é uma lição que nos ensina como o homem perfeito valoriza os meios da graça e anela fazer a vontade de Deus. Os nossos queridos, se for necessário, têm de sofrer um pouco de tristeza, mas nada nos deve impedir de nos envolver-

mos nos interesses de nosso Pai (cf. Lucas 2.49). Portanto, veja o nosso Senhor em suas tentações no deserto, enquanto repele a Satanás,

em cada ataque, e vence todas as investidas dele. Veja-O também colocando Pedro no seu devido lugar: “Arreda” (Mt 16.23). A amizade era preciosa, mas não podia se interpor entre Cristo e sua missão de ir à cruz.

Vigiar nossa alma significa, como o Senhor Jesus nos mostra, manter vigilância firme e intensa sobre o nosso senso de obrigação para com Deus. Significa colocar a vontade de Deus em primeiro lugar em todas as nossas atitudes. Significa

— ■ —
*Uma das razões para vigiarmos
 nossa alma deve ser esta: um
 deslize pode estragar, de uma
 só vez, todo o bem que
 tivermos realizado.*
 — ■ —

preferir o caminho do dever, em vez do caminho do prazer. Significa odiar todas as influências e todas as sugestões que podem enfraquecer nossa dedicação à vontade de Deus ou enfraquecer nossa resolução cristã de colocar a glória de Deus à frente de todas as outras considerações.

Visto que temos um coração corrupto, é possível abandonarmos o “primeiro amor” (Ap 2.4). Quer seja por mau exemplo, quer seja por engano, quer seja apenas por causa de enfraquecimento da determinação, o crente pode aprender a abaixar o padrão de sua obediência. Aquilo que em sua alma começou como ouro se tornou prata no decorrer dos anos; depois, bronze, e, por fim, é apenas ferro ou ferrugem. Outrora, ele vivia; agora, porém, tem apenas nome de que vive (Ap 3.1). Sua prata agora é escória, e seu vinho está misturado com água. Isto não acontece em sua totalidade com o verdadeiro crente, mas a sua vida cristã pode em certa medida tornar-se assim. O que causou isso? *Ele negligenciou a sua alma.*

Quando uma casa sofre um afundamento, toda a sua estrutura é afetada. De modo semelhante, quando um crente negligencia sua alma, todos os aspectos de sua vida espiritual entram em declínio visível. Antes, esse crente acreditava na infalibilidade da Bíblia; agora, ele ri disso, reputando-o uma paixão da juventude. Antes, ele se levantava bem cedo, pela manhã, para orar e preparar seu coração para o novo dia; agora, ele pula da cama, tendo raros minutos para orar e meditar. Antes, ele tinha seu lugar na igreja e nunca chegava

atrasado; agora, ele se arrasta até à igreja e nunca chega na hora. O que causou isso? *Ele negligenciou sua alma.*

À medida que a fogueira se apaga em uma floresta, as feras se aproximam furtivamente. De modo semelhante, à medida que o crente negligencia sua alma, os pecados de seu íntimo começam a enfrentá-lo, com maior perigo. Velhos pecados voltam a persegui-lo. Concupiscências da juventude, que o crente julgava mortas, ressurgem com novo vigor. Torpor incapacitante e estranha languidez tornam quase impossível ao crente outrora ativo repelir seus inimigos espirituais. O seu testemunho define-se. Sua adoração esfria. Seu amor pela comunhão diminui. Tal crente inventa desculpas para a sua ausência na companhia dos santos. Ele é apenas uma imagem pálida do homem que era. O que causou isso? *Ele negligenciou a sua alma.*

A alma de pregadores e ministros do evangelho, assim como a alma de todos os outros crentes, também está exposta aos tipos de decadência sobre os quais acabamos de falar. Nenhum crente deve se enganar. Quando a batalha para mantermos nossa vida espiritual estiver perdida no lugar secreto, o simples fato de sermos chamados “reverendo”, ou “pastor”, ou de vestirmos roupas especiais não nos salvará da queda. A negligência da alma não reterá por muito tempo seu amor por sua doutrina ou adoração evangélica.

O ministro do evangelho que começa a negligenciar sua alma acabará, se não se arrepender e mudar de atitude a tempo, por negar as dou-

trinas fundamentais da fé, em secreto e, depois, em público. A necessidade do novo nascimento não é mais considerada por ele com seriedade. A aceitação vazia dos artigos da Confissão de Fé da Igreja é tudo que ele exige dos membros de sua igreja. Pouco a pouco, toda a mensagem da Bíblia foge dele. A expiação, a ressurreição, o nascimento virginal de Cristo, a ira de Deus, a segunda vinda de Jesus e o julgamento por vir — todos estes artigos de fé se removem do credo pessoal de tal ministro, embora ele não tenha coragem ou integridade moral para afirmar isso. Como este pregador mudou, deixando de ser evangélico e tornando-se um céptico? *Ele negligenciou sua alma.*

Parece estranho, mas a negligência da alma é algo que freqüentemente ocorre com o homem maduro e não com o jovem. Foi em sua maturidade, e não em sua juventude, que Noé foi vencido pelo vinho. Foi em sua maturidade, e não em sua juventude, que Davi contemplou a Bate-Seba com conseqüências trágicas. Foi em sua maturidade que Salomão multiplicou o número de suas esposas e manchou sua boa reputação, por tolerar as divindades de tais esposas. Foi em sua maturidade, e não em sua juventude, que Ezequias mostrou seus tesouros aos embaixadores es-

trangeiros. Estas coisas foram escritas para o nosso ensino.

Existem armadilhas e ciladas para o crente velho, assim como existem para o crente novo. Talvez devido ao fato de imaginar que já passou da zona de perigo o crente velho acredita que pode aliviar sua vigilância. Grande parte dos conflitos de sua peregrinação ficou para trás. Ele está quase contemplando a praia de ouro. Mas o peregrino veterano tem de lutar até ao fim. Relaxar pode equivaler a manchar sua boa reputação e perder uma parte de sua grande recompensa.

A Palavra de Deus nos apresenta o caminho de restauração da negligência da alma: “Sê, pois, zeloso e arrepende-te” (Ap 3.19). Separe um tempo para orar e jejuar. Aflija a sua alma. Lamente os seus pecados passados. Clame intensamente a Deus que lhe outorgue perdão e um novo senso de seu amor. Odeie a frieza pecaminosa que abafou o seu primeiro ardor por Cristo. Lembre o preço pago em favor de sua alma, no precioso sangue de Cristo. Implore ao Todo-Poderoso que lhe dê um novo derramamento do seu Espírito, para reacender a chama do altar. Talvez muitos de nós precisemos deste arrependimento, mais do que imaginamos.



A Lei profere ameaças; o evangelho oferece promessas.

Thomas Adams

PASTORES OU POTENTADOS?

John MacArthur Jr

Alguns líderes modernos de igrejas imaginam-se a si mesmos como homens de negócios, personalidades da mídia, promovedores de entretenimento, psicólogos, filósofos ou advogados. Essas idéias e conceitos se contrastam, nitidamente, em todos os seus detalhes, com o tom da simbologia que as Escrituras utilizam para descrever os líderes espirituais.

Por exemplo, em 2 Timóteo 2, o apóstolo Paulo empregou 7 metáforas para descrever os rigores do ministério de liderança. Ele apresenta o pastor como um mestre (v. 2), um soldado (v. 3), um atleta (v. 5), um agricultor (v. 6), um obreiro trabalhador (v. 15), um vaso (vv. 20-21) e um escravo (v. 24). Todas essas figuras evocam idéias de sacrifício, labor, serviço e arduidade. Elas nos falam, de modo eloqüente, sobre as responsabilidades complexas e diversas envolvidas no ministério de liderar. Nenhuma delas transforma o ministério de liderança em algo esplendoroso.

Esta é a razão por que não deve-

mos supor que o exercer liderança seja algo espetacular. Liderar a igreja (estou falando sobre todos os aspectos da liderança espiritual, não somente da função do pastor) — não é um manto de *status* a ser conferido à aristocracia da igreja. Não é obtido pela idade avançada, comprado com dinheiro ou herdado por laços de parentesco. O ministério de liderar não recai necessariamente sobre aqueles que são bem-sucedidos em seus negócios ou em suas finanças. Liderar a igreja não é distribuído com base na inteligência ou no talento. As exigências para a liderança são pureza de caráter, maturidade espiritual e, acima de tudo, disposição de servir com humildade.

A metáfora favorita de nosso Senhor, referindo-se à liderança espiritual, era a de um pastor — alguém que cuida do rebanho de Deus. Esta foi uma figura que Jesus utilizou para descrever a Si mesmo. Todo líder de igreja é um pastor. A palavra *pastor* significa *alguém que cuida de ovelhas*. Esta é uma figura

muito apropriada. Um pastor guia, alimenta, fortalece, consola, corrige e protege. Essas são responsabilidades de todo líder de igreja.

Os pastores não possuem *status*. Em todas as culturas, eles ocupam os níveis mais baixos da pirâmide social. Isto corresponde perfeitamente às palavras de nosso Senhor, ao dizer: “O maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve” (Lc 22.26).

No plano que Deus estabeleceu para a Igreja, a liderança é uma posição de humildade, amor e serviço. Liderar a igreja é um *ministério*, não um *empreendimento administrativo*. Aqueles que Deus indica como líderes não são chamados para serem monarcas, e sim súditos humildes; não celebridades espertíssimas, e sim servos que trabalham com empenho. Aqueles que lideram o povo de Deus têm de ser, antes de tudo, exemplos de sacrifício, devoção, submissão e humildade.

O próprio Senhor Jesus serviu como modelo para nós, quando se inclinou para lavar os pés dos discípulos — uma tarefa que habitualmente era realizada pelos servos mais inferiores (Jo 13). Se o Senhor do universo agiu assim, nenhum líder de igreja tem o direito de pensar que é um mandachuva.

Pastorear animais é um trabalho que não exige muita habilidade. Não existem universidades que oferecem graus de doutorado em pastorear animais. Não é um trabalho difícil. Até um cachorro pode ser treinado para guardar um rebanho de ovelhas. Nos tempos bíblicos, rapazes (Davi, por exemplo) pastoreavam as ovelhas,

enquanto os homens mais velhos realizavam serviços que demandavam mais habilidade e maturidade.

Pastorear um rebanho *espiritual* não é tão simples. O pastorado espiritual requer mais do que uma pessoa de pouca instrução e sem objetivos. Os padrões são elevados, e as exigências, difíceis de satisfazer. Nem todos podem preencher as qualificações, e de todos os que as satisfazem poucos parecem ser bem-sucedidos neste ministério. O pastorado espiritual exige um homem de integridade, piedade, dons e capacidades múltiplas. No entanto, ele precisa manter a perspectiva e o comportamento de um jovem pastor de animais.

A tremenda responsabilidade de liderar o rebanho de Deus está acompanhada do potencial de grande bênção ou de grande juízo. Os bons líderes são duplamente abençoados (1 Tm 5.17), e os péssimos líderes são duplamente repreendidos (v. 20), pois “àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido” (Lc 12.48). Tiago 3.1 nos diz: “Não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo”.

As pessoas freqüentemente me perguntam o que eu acho ser o segredo do crescimento fenomenal da Igreja Comunidade da Graça, nas últimas duas décadas. Antes de qualquer outra resposta, eu lhes digo que é a soberania de Deus que determina a membresia de uma igreja e que os números não constituem um critério para avaliar o sucesso espiritual. Entretanto, em meio ao tremendo crescimento numérico, a espiritualidade vital de nossa igreja tem sido

notável. Estou convencido de que Deus nos tem abençoado principalmente porque nosso povo tem mostrado forte compromisso com a liderança bíblica. Ao afirmar e procurar seguir o exemplo piedoso dos seus líderes, a nossa igreja tem aberto as portas às extraordinárias bênçãos das mãos de Deus.

Os líderes da Igreja Comunidade da Graça têm se esforçado para vencer a preocupação que algumas igrejas parecem ter em relação à auto-estima e ao egoísmo característicos da sociedade contemporânea. Os líderes de nossa igreja tanto seguem o modelo como proclamam a chamada de Jesus ao discipulado — “Quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á” (Mt 10.38,39).

Há alguns anos, quando construíamos o auditório que agora utilizamos como ginásio, alguns fizeram a compra de sete cadeiras em formato de trono, com uma coroa esculpida em sua parte mais alta. Tais cadeiras serviriam ao propósito de que o corpo de pastores se assentassem, quando subissem à plataforma. Nunca usamos aquelas cadeiras. Nossos pastores preferem assentar-se nos bancos, com a igreja. Isto é simbólico,

mas reflete a atitude que desejamos transmitir como pessoas chamadas por Cristo para liderar sua igreja.

Filipenses 2.3-4 nos dá as prescrições para uma igreja saudável: “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros”. Como devemos ministrar? Procurando honrar as outras pessoas e satisfazer as necessidades delas. Se as pessoas de uma igreja estão brigando por posições e autoridade, ali haverá o mesmo tipo de caos que houve entre os discípulos, quando perguntavam a Jesus qual deles era o maior (Mt 20.20-21, Mc 9.33-35, Lc 22.24).

Temos de liderar com humildade nosso povo. Os pastores determinam a direção do rebanho. Nenhuma igreja será bem-sucedida, se os seus líderes falharem em sua tarefa. E nenhum rebanho sobreviverá e prosperará, se os seus pastores tentarem barganhar seu ministério por tronos.

(Adaptado de *Shepherdology: A Master Plan for Church Leadership* [Pastorado, um Plano-Mestre para a Liderança da Igreja].)



A vida não tenciona ser um lugar de perfeição, e sim de preparação para sermos perfeitos.

Richard Baxter

DISCIPLINA NA IGREJA

Choolwe Mwetwa

(Pastor na Zâmbia. Preletor na V Conferência Fiel em Moçambique.)

Depois da pregação da Palavra, a administração fiel da disciplina é uma das características da igreja verdadeira; mas esta característica está desaparecendo em nossos dias. Os sermões não atacam os pecados sociais e o materialismo. E os pecados morais raramente são confrontados. O resultado dessa atitude é uma gradual infiltração do mundanismo na igreja. Muitas igrejas pensam que uma estrita aceitação da disciplina na igreja é subversiva ao seu crescimento. Para uma época que não vê nada menos que sucesso em números, a disciplina se torna uma desvantagem. Exceto nos casos de pecados horríveis, a disciplina na igreja tem sido amplamente abandonada por muitos.

Não importa qual seja a sua tendência de pensamento, desejo afirmar que o critério de avaliação de uma liderança saudável e bem-sucedida é uma igreja bem disciplinada. Pretendo salientar cinco aspectos da disciplina que são dignos de nossa reflexão. Mateus 18.15-20 nos oferece os princípios mais esclarecedores a respeito deste assunto. Em vez de apresentar uma exposição completa desta passagem, considerarei de

modo breve os princípios extraídos deste e de outros textos bíblicos.

1. FORMAS DE DISCIPLINA

Quando nos referimos à disciplina na igreja, devemos pensar não somente na punição do erro. A disciplina bíblica na igreja se inicia com atitudes de prevenção e, por conseguinte, inclui tanto a disciplina *formativa* como a *reformativa*. A primeira envolve todo o processo que resulta em prevenir os crentes de caírem no pecado. Todo o processo de batismo, tornar-se membro da igreja, submeter-se ao ministério de ensino, manter a prática da oração e da comunhão com o povo de Deus, alcançar o perdido, separar o dízimo de sua renda para o Senhor e submeter-se à liderança dos pastores — essas coisas estão antecipadas na disciplina *formativa* da igreja. A disciplina *reformativa*, assim como nos sugere o termo, se preocupa com o aprimoramento de um crente que se beneficia pouco da disciplina *formativa*, um crente que erra em sua jornada cristã. Estaremos nos referindo a esta disciplina sempre que

utilizarmos o termo *disciplina* sem qualificativos.

Os crentes culpados de algum erro em seu viver, como o “irmão” mencionado no versículo 15, estão sujeitos a diversos modos de atitude reformativa, dependendo do seu pecado. Essa atitude é reabilitadora e punitiva em seu propósito. Às vezes, os pastores têm evitado o termo “punição” ao descrever este aspecto da disciplina. No entanto, o apóstolo Paulo a chama de “punição” em 2 Coríntios 2.6. Portanto, a punição é uma parte integral da disciplina. É claro que não significa punição física; tampouco se refere a confiscação de bens. É uma disciplina infligida emocional e psicologicamente pela terrível vergonha experimentada pelo disciplinado. Quanto menos odioso for o pecado, tanto menos severa deve ser a punição. Precisamos dizer que a seriedade do pecado de alguém está mais relacionada à atitude da própria pessoa para com o pecado cometido do que ao caráter intrínseco do seu pecado. Este é um fato importante na administração da disciplina. Basicamente, quatro ofensas devem estar sujeitas à reprovação imediata da igreja.

A forma mais branda de disciplina reformativa é a simples repreensão entre um crente e outro (Mt 18.15). Mas o que realmente nos interessa neste artigo é o exercício da disciplina mais formal e pública. Neste caso, a primeira coisa a fazer é a *repreensão pública* (1 Tm 5.20). Nesta repreensão, o crente errante é ordenado a desculpar-se diante da congregação do povo de Deus e reprimido publicamente por um pas-

tor ou presbítero. O próximo passo é o *isolamento social* (Rm 16.17-20). Trata-se do esforço dos membros para reterem sua comunhão, seu amor e seu cuidado para com o irmão que pecou. Este esforço tem o objetivo de produzir embaraço ou vergonha (2 Ts 3.14,15). Alguns se referem a isto como *suspensão* da comunhão. Por último, temos a forma mais severa, que é a *excomunhão* (Mt 18.17; 1 Co 5.4,5). Por meio desta forma de disciplina, o membro que continua no erro é excluído da igreja, declarado contagioso à comunhão da igreja e entregue de volta ao mundo, do qual Satanás é o senhor. Na realidade, este membro é declarado e tratado como um não-crente, até que prove o contrário. Ao mesmo tempo em que este membro terá permissão de freqüentar os cultos e será encorajado a fazer isso, ele o fará na condição de réprobo. A membresia da igreja, conforme se pode observar, é um pré-requisito para qualquer forma de disciplina.

Não há necessidade de enfatizar que somente os membros da igreja local estão sujeitos à disciplina. O ofensor é chamado de “irmão” (Mt 18.15), não somente porque mantém um relacionamento social para com o ofendido, mas também porque os dois pertencem a um corpo idêntico chamado igreja. Todo o contexto ressalta isto. Toda igreja verdadeira deve ter um rol de membros constituído de crentes batizados, com bom testemunho diante da igreja e do mundo. Na freqüência da igreja, haverá aqueles que não são membros. Estes serão crentes ou não-crentes. Os não-crentes não devem ser mem-

bros de uma igreja, em nenhuma circunstância. De modo semelhante, nenhum crente deve, em qualquer circunstância, deixar de fazer parte da membresia de uma igreja local. Na ocorrência de um pecado, a disciplina será aplicada aos membros, e não àqueles que estão fora da membresia da igreja. Embora os crentes não-membros devam ser advertidos particularmente, por causa do seu erro, isto não é um exercício da disciplina da igreja. No máximo, isto equivale às admoestações e repreensões dirigidas aos não-regenerados que ouvem a mensagem do evangelho na igreja.

Há boas razões que explicam por que a disciplina reformativa deve ser aplicada somente aos membros da igreja. Primeiramente, a disciplina é um privilégio deles. Hebreus 12.5-11 nos recorda que a disciplina é um instrumento de confirmar a filiação; é uma evidência de ser amado, bem como uma preparação da santidade que compartilharemos com Deus. Em segundo lugar, são os próprios crentes que desfrutaram de todos os privilégios da membresia; e a disciplina da igreja consiste na perda de alguns desses privilégios. Seria uma zombaria retirar privilégios de pessoas que não os desfrutavam antes. A perda de privilégios peculiares só pode ser aplicada a pessoas que estão no gozo desses privilégios. Por essa

razão, somente os membros de uma igreja local podem ser disciplinados.

Os incrédulos não podem ser objetos da disciplina da igreja, porque medidas de disciplinas têm o objetivo de restaurar os crentes que erram e não o de regenerar os incrédulos, que, em primeira instância, não devem ser aceitos na membresia da igreja. Tais pessoas são insensíveis aos propósitos disciplinadores da restauração; por essa razão, não podem ser objetos da disciplina da igreja. É Deus que tem de julgar aqueles que estão fora da

A disciplina bíblica na igreja se inicia com atitudes de prevenção e, por conseguinte, inclui tanto a disciplina formativa como a reformativa.

igreja, enquanto esta julga os seus membros (1 Co 5.12,13).

Alguns talvez desejem saber que medidas devem ser aplicadas a um crente que erra e não é membro da igreja que ele frequenta com regularidade. As Escrituras desconhecem esse tipo de pessoa. Todo crente tem de pertencer à membresia de uma igreja. Visto que tal pessoa não existe nas Escrituras, fazer considerações hipotéticas somente daria crédito à possibilidade inaceitável da existência de tal pessoa.

Na melhor das situações, podemos apenas nos referir ao caso de um crente que é passível de disciplina enquanto participa de outra igreja, da qual ele não é membro. Alguém que está nesta condição deve ser disciplinado por sua igreja de origem sob a recomendação e superintendên-

cia da igreja onde ele freqüenta. Em outras palavras, ao receber a informação dos líderes da igreja a qual ele freqüenta, os líderes da igreja de origem decidirão que medidas disciplinares apropriadas devem ser aplicadas ao membro errante.

Este foi o princípio que o apóstolo Paulo abordou, quando, ao se encontrar distante da igreja de Corinto, onde o pecado fora cometido, ele, como presbítero de outra igreja (em Éfeso), disse: “Eu, na verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja, em nome do Senhor Jesus, reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor, entregue a Satanás...” (1 Co 5.3-5.) Tudo isso deve nos mostrar com clareza que os membros da igreja são os objetos da sua disciplina.

2. CASOS PARA DISCIPLINA

As ofensas passíveis da disciplina da igreja são: (1) permanência no erro - Mt 18.15-17; (2) conduta ou ensino causadores de divisão - Rm 16.17; Tt 3.10; (3) comportamento desordenado - 2 Ts 3.6-15; (4) pecado escandaloso - 1 Co 5.1-13; e, (5) desacato à disciplina da igreja - Mt 18.17; Nm 16.12-20.

3. PROPÓSITO DA DISCIPLINA

Embora a vergonha (2 Ts 3.14b), a repreensão (1 Tm 5.20) e a humilhação (1 Co 5.5) sejam os objetivos da disciplina, são objetivos secundários. Os propósitos primá-

os da disciplina são a purificação da igreja, a restauração do pecador e a glorificação do nome de Deus.

4. OS AGENTES DA DISCIPLINA

A natureza da igreja exige que todos os membros estejam envolvidos na disciplina. Aqueles que vêm um irmão ou uma irmã em pecado se encontram na linha de frente do dever — isto é o que afirma Mateus 18.15. Em segundo, o dever recai sobre aqueles que são informados ou aqueles que são chamados a tentar promover a restauração do crente que está no erro (v. 16). Em terceiro, a responsabilidade da disciplina recai sobre os presbíteros ou pastores que, encontrando dificuldade em assegurar-se do arrependimento, trazem o caso à igreja, para que haja uma ação formal (v. 17).

É muito importante que os membros sejam encorajados a cumprir seu papel de protegerem um ao outro e em insistir que os errantes se arrependam. Uma igreja que fecha os olhos ao pecado, deixando que os líderes farejem sua existência e o resolvam por si mesmos, essa igreja logo será dominada por imoralidade e escândalos. Os primeiros passos mencionados em Mateus 18.15,16, envolvendo os membros da igreja, são importantes para que o trabalho pastoral não se faça necessário. O dever dos pastores e líderes deve aparecer nos últimos estágios. Eles devem agir no estágio final de procurar estabelecer as circunstâncias que cercam o pecado, de validar as exortações ao arrependimento e de exercer a forma ideal de punição, se

esta for necessária. A exceção, conforme elucidaremos, ocorre nos casos em que o pecado tem uma natureza escandalosa.

5. PROCEDIMENTO NA DISCIPLINA

O papel de membros individuais da igreja.

A passagem de Mateus 18, conforme já a apresentamos, é o procedimento que temos de seguir. Mas este procedimento se aplica, frequentemente, àquilo que chamamos de comportamento desordenado e não ao pecado escandaloso. No caso específico de um comportamento desordenado, o crente pode ser instado ao arrependimento, em particular. Quando há ocorrência de pecado escandaloso, o culpado não somente é confrontado com a realidade de seu pecado por aqueles que o testemunharam, como também está sob a responsabilidade de contá-lo imediatamente aos líderes. Nenhuma confissão particular, ou remorso, ou arrependimento manifesto para com os membros comuns termina o processo de disciplina. Os pastores ou presbíteros devem ter a permissão de lidar urgentemente com esse tipo de pecado, por causa do dano que pode ser causado ao ofensor, à sua igreja e à obra de Cristo (1 Co 5.1-13). Nos casos em que os crentes não têm

certeza a respeito de como classificar o pecado, eles são advertidos a procurar o conselho dos líderes sobre o pecado, enquanto mantêm suas atitudes particulares.

O papel dos líderes da igreja.

Depois de estabelecer as circunstâncias relacionadas ao pecado e ao caráter do arrependimento, se este ocorrer, os líderes decidem a punição apropriada que o ofensor merece, a fim de satisfazer adequadamente os propósitos para os quais a disciplina foi instituída. Eles devem trazer esta decisão aos membros da igreja, para que eles a ratifiquem. Quando o apóstolo Pau-

— ■ —

*A igreja tem de participar da
decisão disciplinar, porque os
membros tomarão parte
na aplicação da disciplina.*

— ■ —

lo disse aos crentes de Corinto: “Eu, na verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentencieei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja, em nome do Senhor Jesus, reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor, entregue a Satanás” (1 Co 5.3-5), ele especificou o papel que um pastor ou presbítero desempenha no processo de disciplina. Nesta passagem, o apóstolo deixou claro que os líderes têm de formular o juízo com o qual o restante da igreja deve concordar. Não compete ao membro realizar o papel dos líderes. Àqueles compete apenas ratificar a decisão destes, a menos que a decisão tenha sido uma decisão mal formulada e não esteja

em harmonia com a lei de Cristo. As decisões de natureza disciplinar não são necessariamente atingidas por procedimentos democráticos ou por concordância da maioria.

O corpo de presbíteros ou pastores que julga um caso de disciplina tem de ser visto como um conselho de juízes que, depois de muita investigação, deliberação e busca da orientação divina, chegam a um veredito. Normalmente, eles têm o privilégio de conhecer informações referentes ao caso com o qual estão lidando, informações que outras pessoas, devido aos ditames da confidência, não podem saber. Este fato merece grande respeito. É claro que os membros da igreja ouvirão a respeito dos detalhes relevantes e os discutirão, quando necessário. As informações dos membros da igreja são importantes, porque servem para eliminar a possibilidade de perder informações vitais relevantes ao caso em apreciação, informações que os membros talvez possuam. Isso também revela, de maneira formal, a opinião, a sabedoria e o dever dos membros para com Deus, no que se refere àquele caso de disciplina.

Será proveitoso mencionar que haverá casos com os quais os líderes terão de lidar e resolver em particular. Os membros nunca saberão desses casos, até, provavelmente, o Dia do Juízo. Nesses casos, o crente errante será repreendido e aconselhado particularmente. Por causa de sua própria consciência, esse crente pode ser advertido a se abster de funções públicas na igreja, tais como liderar a música da igreja, orar em público, assumir qualquer função de lideran-

ça e/ou participar da Ceia do Senhor, por algum tempo. A natureza do pecado desse crente e o seu estado determinarão as restrições. Casos dessa natureza envolvem aqueles cuja confissão de erro é imediata e voluntária, cujo remorso e arrependimento são inconfundíveis e cujo pecado não tenha causado escândalo público e não envolva implicações legais (Rm 13.3,4). A razão para tal procedimento, neste caso, é que já se cumpriu o propósito fundamental da disciplina na igreja — ou seja, a restauração do pecador e purificação da casa de Deus (cf. Pv 28.13; 2 Co 2.6-8,10b). O que a igreja deveria ter produzido por um ato de censura o Espírito Santo produziu logo que o pecado foi cometido.

O papel da congregação.

Se os membros da igreja não têm razões boas e convincentes para deixarem de concordar com as recomendações dos líderes, eles têm o dever de apoiá-las. A igreja tem de participar da decisão disciplinar, porque os membros tomarão parte na aplicação da disciplina. O levantar as mãos é uma maneira segura, embora não indispensável, de manifestar concordância. Por conseguinte, todo membro de igreja, incluindo aquele que se abstém de votar e aquele que se ausenta da assembleia, está obrigado a aplicar a disciplina que a assembleia concordou.

Além disso, precisamos enfatizar que os procedimentos na assembleia de membros são confidenciais. Os pronunciamentos dos membros presentes não podem ser ditos aos mem-

broso ausentes e, menos ainda, à pessoa cujo caso disciplinar a assembléia estava considerando. As contribuições de cada membro são feitas em confidência. Sem a autorização prévia dos autores de tais pronunciamentos, citá-los (ignorando o perigo de má interpretação do fato ou do contexto) a alguém que não se inteirou dos procedimentos da assembléia significa ser um difamador e pode constituir-se numa quebra dos estatutos da igreja, bem como da aliança de amor (o amor “tudo suporta” — 1 Co 13.7). Somente os presbíteros ou pastores têm o direito de comunicar a decisão da igreja ao membro culpado e de responder às suas perguntas; e os membros disciplinados têm de mostrar respeito aos pastores e presbíteros nas ocasiões em que lhes dirigem tais perguntas. E os pastores e presbíteros, devemos ressaltar, não têm o direito de revelar os nomes daqueles que lhes forneceram informações, sem que estes os autorizem previamente. Revelar tais nomes, sem consentimento antecipado, seria uma traição. Se não tivermos este cuidado, amargura, ódio e cismas podem surgir na igreja. E o bem almejado pela disciplina será arruinado.

O lugar do irmão errante.

Embora o crente errante possa estar presente para ouvir as acusações contra ele e o veredito da igreja lhe possa ser anunciado diante dos presentes na assembléia, minha opinião é esta: ele deve ser mantido ausente das deliberações sobre o seu caso. Isto permite que haja liberdade de expressão e julgamento entre os membros,

assim como protege o irmão de manter sentimentos aversivos, contra pessoas específicas, ao fazerem revelações negativas de sua conduta e vereditos dolorosos. Assim como os juízes deliberam entre si mesmos, na ausência do acusado, para chegarem a uma decisão, é recomendável que a assembléia faça seu julgamento na ausência do crente acusado. Isto é bom para ambas as partes.

Existe a urgente necessidade de restaurarmos a disciplina da igreja ao seu lugar de importância. Frequentemente, os líderes se comprometem neste assunto, quando eles mesmos não vivem corretamente. Quer sejam culpados de suas próprias práticas erradas, as quais exigem disciplina, quer não estejam mantendo um relacionamento saudável com os membros da igreja, ambos os casos envolvem culpa de cumplicidade. A timidez é outro fator que enfraquece a disciplina, ou seja, o temor dos homens ou o amor pelo louvor dos homens. O amor por números é outro fator.

Com fidelidade e cuidado, devemos pastorear nossas ovelhas da maneira como elas devem ser pastoreadas. Quando errarem de modo grave, devemos corrigi-las com amor ou discipliná-las sem cairmos em autoritarismo, o qual as Escrituras condenam (1 Pe 5.2,3). Oh! devemos meditar sobre o fato de que a medida de uma igreja saudável e de uma liderança bem-sucedida é uma igreja bem-disciplinada! Isto mantém a pureza da igreja, visto que aspira à pureza de Cristo, o seu cabeça, a quem seja a glória para sempre. Amém!

A UTILIDADE DAS ESCRITURAS NO ACONSELHAMENTO

Wayne Mack

O que a Bíblia nos ensina? A Bíblia nos ensina a respeito da vida; ela nos ensina a própria verdade (Jo 17.17). A Bíblia nos ensina a verdade que precisamos saber para começarmos a viver a vida que honra e glorifica a Deus. Ela nos ensina o que é certo e o que é errado; o que é proveitoso, o que é sábio e o que é estultice. A Bíblia nos ensina como podemos escapar da corrupção que existe no mundo e em nosso coração. Ela nos ensina como podemos ser eficientes no ministério cristão; como ser bons esposos e esposas, pais e filhos; como ser bons cidadãos, como amar a Deus e ao nosso próximo (2 Pe 1.3,4). A Bíblia nos ensina como resolver nossos problemas à maneira de Deus (1 Co 10.13; Rm 8.32-39). Ela nos ensina como ter alegria, paz, gentileza, paciência, bondade, amabilidade, autocontrole e dignidade (2 Pe 1.5-7; Gl 5.22,23). A Bíblia nos ensina a respeito da Divindade, do céu, do inferno, da vida presente e da vida por vir. Na verdade, a Palavra de Deus

nos ensina (pelo menos na forma de princípios) tudo o que necessitamos saber para que tenhamos uma vida eficaz e bem-sucedida, conforme Deus mesmo define esse tipo de vida (2 Pe 1.8,9; 1 Tm 4.7; Jo 10.10).

As Escrituras são o nosso padrão infalível e inerrante em assuntos de fé e de prática. A Palavra de Deus é “perfeita e restaura a alma”; é “fiel e dá sabedoria aos símplices”; é correta e alegre o coração; é pura e “ilumina os olhos”. Seus ensinamentos são “mais desejáveis do que o ouro, mais do que muito ouro depurado”. Por meio deles, o povo de Deus é advertido, protegido do erro e de angústias, e, “em os guardar, há grande recompensa” (Sl 19.7-11).

O Salmo 119, o capítulo mais longo da Bíblia, refere-se totalmente à Palavra de Deus. Neste salmo, em quase todos os seus 176 versículos, o autor exalta a utilidade dos ensinamentos encontrados na Palavra de Deus. Conhecer e praticar os ensinamentos da Palavra de Deus produz uma vida abençoada, um coração agrade-

cido, livramento do opróbrio, pureza de coração, libertação do pecado, alegria e gozo incomparáveis, livramento da reprovação e do desprezo, vigor e fortalecimento interior, ousadia e coragem, conforto e refrigério, liberdade e segurança e muitos outros benefícios. Não devemos nos admirar destas palavras do salmista: “Terei prazer nos teus mandamentos, os quais eu amo”; “Terei prazer nos teus decretos; não me esquecerei da tua palavra”; “Os teus testemunhos são o meu prazer, são os meus conselheiros”; “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos”; “A minha alma tem observado os teus testemunhos; eu os amo ardentemente”; “Tenho por, em tudo, retos os teus preceitos todos” (Sl 119.47, 16, 24, 105, 167, 128).

Que bênção é possuímos o ensino infalível do Deus infinito e inerrante, desfrutando deste ensino como um guia para nossa vida e um auxílio para entendermos nossos problemas e as soluções para eles! Este ensino se tornou especialmente real para mim há algum tempo, quando estava em meus estudos universitários na área de psicologia. Enquanto estudava na universidade, ouvi muito a respeito de teorias e opiniões de muitas pessoas supostamente eruditas no que diz respeito ao homem e seus

problemas. Depois de apresentar as várias e habitualmente conflitantes teorias a respeito do homem e seus problemas (teorias ensinadas por líderes respeitados no campo da psicologia), um dos professores disse: “Não podemos ter certeza se qualquer destas teorias é completamente verdadeira.

Mas, se vocês têm de aconselhar outras pessoas, estudem estas teorias e decidam qual delas lhes parece mais sensata.

Vocês têm

— ■ —

Quão infeliz é a situação daqueles que, trabalhando em ajudar outros, não têm uma base sólida que lhes capacite a entender as pessoas e seus problemas e a encontrar soluções para eles.

— ■ —

de fazer isso porque, quando as pessoas vierem para aconselhamento, elas desejarão ouvir algo que lhes esclareça o porquê dos problemas pelos quais elas estão passando”. Apreciei a sinceridade deste homem, mas fiquei triste por reconhecer que pessoas estariam procurando ajudar outras a entenderem seus problemas e a encontrarem soluções para eles, sem terem qualquer razão consistente que lhes daria a certeza de que as coisas em que estavam crendo tinham algum valor genuíno. Ao mesmo tempo, eu me regoziquei em saber que a Palavra de Deus é proveitosa para nos ensinar, de maneira infalível, “todas as coisas que conduzem à vida e à piedade” (2 Pe 1.3).

Em outro curso de psicologia, a questão dos valores estava sendo discutida. Havíamos aprendido que a única maneira de alguém determinar o certo e o errado é agir de confor-

midade com esta máxima: “O certo é tudo aquilo que é significativo e satisfatório para você e não machuca as outras pessoas”. Em meu papel de respostas daquela aula, afirmei que isso nos deixa em um dilema terrível, relativista e incerto no que se refere a determinar o certo e o errado. De maneira tão respeitosa e gentil quanto possível, escrevi: “Esta maneira de determinar o certo e o errado é bastante relativista e subjetiva, pois aquilo que eu penso ser significativo e satisfatório pode ser muito diferente daquilo que outra pessoa pensa ser significativo e satisfatório. Além disso, como eu posso saber que algo é realmente significativo e satisfatório? Visto que eu sou um ser humano limitado, aquilo que eu penso ser significativo e satisfatório pode não ser, de maneira alguma, uma avaliação exata”.

No mesmo papel de respostas, escrevi as seguintes perguntas a respeito da declaração de que o certo é aquilo que não machuca as outras pessoas: “Que padrão devo utilizar para determinar se algo realmente não machucará outra pessoa? Como posso ter certeza de que outra pessoa não será ferida por aquilo que eu faço ou não faço? Sou finito e falível, e meu entendimento daquilo que machuca os outros pode ser total ou, pelo menos, parcialmente errado”. Em respostas às minhas perguntas, o professor escreveu: “Você levantou algumas questões sérias e interessantes, para as quais não temos respostas; mas continuaremos a lutar com tais questões”. Em outras palavras, se esquadrinharmos este padrão do certo e do errado, descobriremos que

não temos realmente nenhum padrão.

Quão infeliz é a situação daqueles que, trabalhando em ajudar outras, não têm uma base sólida que lhes capacite a entender as pessoas e seus problemas e a encontrar soluções para eles. Quão agradecidos e humildes nos deveríamos mostrar pelo fato de que temos a Palavra de Deus, a qual é proveitosa para nos ensinar. Meus irmãos, posso dizer-lhes, não com orgulho, e sim com ousadia, que realmente temos as respostas! Temos a verdade na Palavra de Deus. Neste livro, a Bíblia, o Deus todo-poderoso nos revela o que é certo e o que é errado. Quando fundamentamos nosso entendimento neste livro, não precisamos perguntar: “O que eu estou fazendo é certo ou errado?” Se os ensinamentos deste livro são inspirados por Deus, podemos ter paz, confiança e segurança, se aquilo em que cremos, o que dizemos, o que fazemos está de acordo com o que a Bíblia diz. Se o Deus todo-poderoso, todo-sábio, onisciente e infalível ensina algo, o que nos importa as coisas ensinadas pelo resto do mundo? É de acordo com a lei e com o testemunho da Palavra de Deus que falamos a verdade, e qualquer coisa que contradiz a Palavra de Deus é expressamente falsa (Is 8.20).

Se uma pessoa não tem a certeza resultante de reconhecer que aquilo em que ela crê é o ensino de Deus, tal pessoa passa a vida toda como um navio sem âncora. Ela é constantemente jogada de um lado para o outro, sem qualquer fundamento verdadeiro para ter certeza a respeito de qualquer coisa. Quando tal pessoa medita realisticamente a respeito de

sua situação, o resultado é incerteza, temor, ansiedade, depressão, confusão, perplexidade e várias outras experiências desagradáveis. Ao contrário disso, quando uma pessoa reconhece que os ensinamentos da Bíblia foram inspirados por Deus, e tal pes-

soa entende, crê e aplica esses ensinamentos à sua vida, ela possui os fundamentos sólidos para desfrutar de paz, confiança, certeza, contentamento, ousadia, coragem, gozo, gentileza, bondade, amabilidade, autocontrole e dignidade.

CANTAR NA ADORAÇÃO

De acordo com o costume da Festa da Páscoa, nosso Senhor Jesus entoava com os seus discípulos, no silêncio da noite, o “Halel”, a grande canção de louvor que consistia dos Salmos 115 a 118. É a primeira vez que encontramos nosso Senhor cantando — o original grego não admite qualquer outra interpretação. Por meio dessa atitude, nosso Senhor consagrou para sempre a música vocal em sua Igreja. O cantar — esta linguagem de sentimentos, esta exalação de um estado de mente elevado, este impulso de uma alma extasiada — é um valioso dom do céu à terra.

Adotado no serviço do santuário, quão benéfica e abençoadora é a sua influência! Quem não experimentou o seu poder de elevar-nos acima da atmosfera obscura da vida diária; seu poder de transportar-nos, de modo maravilhoso, aos arredores do céu; seu poder de dilatar e comover o coração; seu poder de repelir a tristeza e romper os laços de inquietação? E este dom pode realizar coisas maiores do que estas, quando, do céu, o Espírito Santo mescla com o cantar o seu sopro. Milhares de vezes, o cantar tem restaurado a paz em meio às lutas, banido a Satanás e aniquilado os seus projetos. À semelhança de uma deliciosa brisa da primavera, este dom tem soprado através da planície rija e fria, levando corações endurecidos a se derreterem como cera, tornando-os aráveis e capazes de receber a semente da eternidade.

Vemos o Senhor da glória cantando com os seus discípulos. Oh! Se Davi, que escreveu aqueles salmos, tivesse imaginado que eles teriam a honra sublime de serem cantados pelos graciosos lábios daquele que era o supremo objeto das suas canções, ele teria deixado a pena cair de suas mãos, em jubilosa admiração!

(F.W.Krummacher; *The Suffering Saviour*, p. 79)

COMO A DOCTRINA AFETA O EVANGELISMO

OS CAMINHOS DIVERGENTES DE ASAHEL NETTLETON E CHARLES FINNEY

Rick Nelson

Muitos hoje expressam surpresa quando ouvem o nome de Asahel Nettleton, o último grande evangelista que expôs as Doutrinas da Graça. Embora Nettleton (1783-1844) tenha visto trinta mil pessoas convertidas durante um ministério ativo de dez anos no início do século XIX, seu legado sofre de trágica negligência, talvez até de menosprezo, nas mãos dos historiadores eclesiásticos contemporâneos.

Por outro lado, Charles G. Finney (1792-1875) tem sido objeto de extensiva abordagem biográfica. Considerado o pai do avivalismo moderno, Charles Finney representa o marco divisor na mudança do calvinismo para o arminianismo como a teologia predominante no evangelismo. Conservadores gostam muito de Charles Finney por causa

de seu zelo evangelístico, e liberais se referem com orgulho ao envolvimento de Finney na reforma social. Mark A. Noll considera Charles Finney “a figura crucial no evangelicalismo dos norte-americanos brancos, depois de Jonathan Edwards”, tendo impacto mais duradouro do que Ralph Waldo Emerson, Daniel Webster e Horace Mann, na vida da nação emergente.

O legado de Charles Finney moldou, em muitos aspectos, a teologia e a metodologia do evangelismo, em especial o evangelismo dos batistas do Sul. A publicação das obras mais importantes de Finney, *Lectures on Revivals of Religion* (Palestras em Avivamentos da Religião) e *Lectures on Systematic Theology* (Palestras em Teologia Sistemática), causaram um impacto no evangelis-

mo que se estende até aos nossos dias. A ênfase dos batistas do Sul nas cruzadas simultâneas, na preparação das cruzadas e no sistema de apelo público e a utilização de reuniões de avivamento como estratégia podem ser atribuídas à considerável influência de Charles Finney sobre o evangelicalismo de seus dias.

Este artigo afirma o ponto de vista de que a crença de uma denominação, uma igreja ou uma pessoa a respeito da salvação está diretamente relacionada ao evangelismo que elas praticam. A soteriologia molda a metodologia de evangelismo. O pressuposto é que a sã doutrina da salvação deve produzir uma prática correta de evangelismo.

O AVIVALISMO DE ASAHEL NETTLETON — CENTRALIZADO EM DEUS

Seguindo a linha teológica de Jonathan Edwards, que enfatizava a responsabilidade humana na perspectiva calvinista sobre o mundo, Asahel Nettleton representava o aprimorado calvinismo da Nova Inglaterra de seus dias. Enquanto se apegava firmemente a cada um dos artigos do Sínodo de Dort (também conhecidos como os Cinco Pontos do Calvinismo), conforme o entenderam os teólogos que o antecederam na Nova Inglaterra (Jonathan Edwards, Joseph Bellamy e Timothy Dwight), Asahel Nettleton acreditava, antes e acima de tudo, que seu sistema de doutrina era fiel à verdadeira revelação bíblica.

As crenças de Asahel Nettleton podem ser resumidas nas seguintes

afirmações. O homem, sendo totalmente depravado em sua natureza e escolha, não pode salvar a si mesmo. Pela graça de Deus, alguns foram escolhidos para a vida eterna. Para os eleitos por Deus, o Senhor Jesus realizou uma expiação penal e vicária em favor dos pecados deles, na cruz. O eleito, por quem Jesus morreu, será atraído pela triunfante graça de Deus ao arrependimento e à fé salvadora em Cristo. Eles serão preservados por Deus para a salvação eterna.

Os seres humanos têm de ser regenerados por Deus e precisam ter sua natureza humana transformada, antes que se arrependam e confiem em Cristo para a salvação. Na teologia de Nettleton, a capacidade humana de reagir em cada etapa da salvação provém de um ato soberano de Deus. A menos que Deus o impulsione, o homem permanecerá desesperadamente perdido.

A metodologia de Nettleton correspondia perfeitamente à sua teologia. Ele utilizava a pregação como meio de trazer os pecadores à convicção de seus pecados. Nettleton regava todos os seus esforços evangelísticos com ardente e humilde oração a Deus, o único que podia regenerar uma pessoa perdida. Aos despertados, que respondiam à chamada para se reunirem fora dos cultos normais, Nettleton oferecia reuniões de inquirição, que eram essencialmente sessões de aconselhamento evangelístico em grupo. Nestas reuniões, as pessoas podiam receber ajuda pessoal sem a pressão pública de oferecerem uma resposta positiva.

Poucos homens chegaram ao nível de perspicácia que Nettleton demonstrou no evangelismo pessoal. Ele era um habilidoso cirurgião da alma. Instava com aqueles que se sentiam despertados a colocarem o assunto da salvação de sua alma diante de Deus, em particular. Muitos vieram à fé salvadora em Cristo como resultado do ministério de Nettleton nos “lugares ermos”, em igrejas de todos os tipos e tamanhos. Poucos dos convertidos de Nettleton abandonaram sua confissão, retornando ao mundo.

O AVIVALISMO DE CHARLES FINNEY — CENTRALIZADO NO HOMEM

Nos primeiros dias de sua mocidade, Charles G. Finney decidiu reagir contra o que acreditava ser os resultados do evangelismo deficiente do calvinismo exposto por homens como Asahel Nettleton. Acreditando ser ele mesmo um corretivo para a excessiva ênfase na soberania divina, Finney enfatizava a responsabilidade dos homens como agentes livres e possuidores de moralidade.

Finney havia sido treinado como advogado e, infelizmente, não possuía educação teológica formal; por isso, ao ler as Escrituras, ele ficou persuadido de uma salvação em termos de uma filosofia de legalismo e moralidade. Tal mentalidade exigia que os responsáveis por obedecerem à lei tinham de ser livres para obedecer. Enquanto Nettleton enfatizava a liberdade de Deus, Finney decidiu enfatizar a liberdade do homem.

Finney acreditava que os seres

humanos eram depravados em sua vontade e não em sua constituição; a eleição para a salvação resultou do conhecimento antecipado da resposta dos homens ao convite do evangelho; a expiação realizada por Jesus não pagou a dívida do pecado de ninguém, como um substituto penal; pelo contrário, a expiação apenas permitiu que Deus perdoasse pecadores, sem violar sua própria natureza e lei.

Michael Horton resumiu com exatidão as crenças de Finney: “Deus não é soberano; o homem não é pecador por natureza; a expiação não é o verdadeiro pagamento do pecado; a justificação, por imputação, é um insulto à razão e à moralidade. O novo nascimento é simplesmente o resultado de técnicas bem-sucedidas. E o avivamento é o resultado natural de campanhas inteligentes”.

Visto que os seres humanos são agentes morais livres, Finney acreditava que eles podiam rejeitar a graça de Deus. Mesmo depois de arrepender-se e professar a fé em Cristo, a salvação final de uma pessoa permanecia incerta, dependente de sua obediência até à morte”.

A teologia de Finney o levou a perceber que somente um inimigo, a vontade obstinada, impedia a salvação de todas as pessoas. Os métodos que Finney empregava eram avaliados com base em sua eficácia de quebrar a vontade obstinada dos pecadores. Este pragmatismo dominou o ministério de Finney. Servindo-se de um amálgama de métodos que já estavam em uso, ele revolucionou o evangelismo e fez surgir o avivalismo moderno. Finney popularizou

uma forma mais dramática de pregar, utilizou a oração pública como uma ferramenta para se pressionar os pecadores, permitiu que mulheres orassem em reuniões mistas, denunciou oponentes, mudou a tradição aceita nas reuniões de inquirição, organizou as reuniões de oração de grupos pequenos e equipes de visitação às casas, fez surgir as campanhas evangelísticas e preparou o caminho para o que mais tarde se tornaria o sistema de apelos

públicos. Estas novas medidas causaram grande controvérsia, mas também são reportadas como o meio para trazer aproximadamente 500.000 pessoas ao despertamento.

APLICAÇÕES AO EVANGELISMO CONTEMPORÂNEO

Estas descobertas são aplicáveis ao evangelismo moderno em dois níveis. Primeiro, que princípios podemos aprender desse estudo? Segundo, que homem pode oferecer melhor exemplo ao futuro do evangelismo, Nettleton ou Finney?

No que se refere aos métodos, os dois podem nos oferecer um excelente ponto de partida quanto às aplicações. Se a pregação for marcada por paixão, fidelidade às Escrituras, aplicação pessoal pertinente,

apresentação clara e poder espiritual, o evangelismo será aprimorado. Se ministros do evangelho e membros de igreja assumirem o empenho de orar como o fizeram Nettleton, Finney e seus cooperadores em avivamentos, o evangelismo será revolucionado. Eles não somente praticaram a

oração pessoal, mas também organizaram a oração das igrejas em preparação para avivamentos. Se os interessados forem corretamente aconselhados e não forem publicamente pressionados a tomarem decisões prematuras (e, conseqüentemente, espúrias), os resultados do evangelismo serão preservados em um grau mais elevado. Se os ministros do evangelho e membros de igreja praticassem evangelismo pessoal teologicamente correto, as igrejas seriam transformadas pela infusão de uma nova vida espiritual.

Se considerarmos esses dois homens do passado como exemplo para o futuro do evangelismo, qual deles se tornaria o exemplo mais desejável? Duas razões me levam a escolher Nettleton: a) o legado de Finney não pode resistir a uma avaliação rigorosa; b) quanto mais consideramos o legado de Nettleton, tanto mais claramente enxergamos um quadro de equilíbrio doutrinário.

■

Muitos dos milhares que foram tocados pelo ministério de Charles Finney retornaram ao mundo, depois que desapareceu a influência local do evangelista carismático.

■

O legado de Charles Finney tem sido questionado há muito tempo. Alvin L. Reid, professor de evangelismo do Seminário Batista do Sul, fez a seguinte observação:

Finney recebeu o crédito por haver produzido o ímpeto que causou a mudança da obra de Deus para a obra de homens, no avivamento e no despertar espiritual.... O convite público, as reuniões prolongadas (hoje chamadas “cultos de avivamento” ou apenas “avivamentos”) e a preparação para tais reuniões podem, em grande medida, ter sua origem em Charles Finney. Ele tem sido elogiado e condenado por esta mudança. Ao avaliarmos Finney, temos de lembrar que ele estava reagindo ao calvinismo frio, inerte e extremo de seus dias.

Muitos dos milhares que foram tocados pelo ministério de Charles Finney retornaram ao mundo, depois que desapareceu a influência local do evangelista carismático. B. B. Warfield advertiu que “grande proporção daqueles que foram introduzidos nas igrejas, pela excitação do avivamento, não eram verdadeiramente convertidos, conforme demonstra claramente a história subsequente de suas vidas”.

A fim de que ninguém rejeite Warfield como um calvinista de Princeton e inimigo de Finney, os testemunhos dos amigos e colaboradores de Finney, James Boyle e Asa Mahan, oferecem evidências adicionais de que o trabalho de Finney precisa ser visto com bastante reser-

va e suspeita. James E. Johnson admitiu que esses testemunhos dão crédito “à acusação de que muitas pessoas introduzidas nas igrejas pela excitação das reuniões de avivamento nunca experimentaram realmente uma mudança de coração”. Boyle escreve a Finney, em 1834:

Consideremos os campos onde eu, você e outros trabalhamos como ministros de avivamento, e qual é o estado moral de tais campos hoje? Qual era o estado deles alguns meses depois que os deixamos? Visitei diversas vezes alguns desses campos e gemi, em espírito, ao ver o estado infeliz, carnal, gélido e contencioso em que as igrejas caíram — e caíram logo depois que partimos de entre elas.

Em sua autobiografia, Mahan escreveu que muitas pessoas supostamente convertidas nos avivamentos, os pastores que organizavam as reuniões e até os evangelistas que dirigiam as mesmas subsequente sofreram tanto moral como espiritualmente. Ele disse:

Eu estava pessoalmente familiarizado com todos eles. Não posso recordar um homem sequer, exceto o irmão Finney e o pai Nash, que poucos anos depois de nossa partida não tenha perdido sua unção, tornando-se igualmente desqualificado para o ofício de evangelista e de pastor.

Entre os evangélicos, Michael S. Horton tem liderado, com vigor, ataques ao legado de Charles G. Finney. Horton retrata Finney como o pai

espiritual do movimento de crescimento de igrejas, do pentecostalismo e do avivalismo político. Ele acusa Finney (utilizando as palavras do próprio Finney) de negar estas doutrinas cardeais: o pecado original, a substituição penal como o motivo da expiação e a natureza divina do novo nascimento.

Visto que Finney repudiou muitos dos dogmas da fé cristã histórica, Horton o chamou “não somente de inimigo do protestantismo evangélico, mas também do cristianismo histórico”. Horton admitiu que Finney estava certo em um ponto: “O evangelho afirmado pelos teólogos de Westminster, que Finney atacou diretamente e, de fato, o evangelho afirmado pela maioria dos evangélicos é ‘outro evangelho’, em distinção ao evangelho proclamado por Finney”. Horton faz uma pergunta embaraçadora aos evangélicos que, inconscientemente, em nome do sucesso no evangelismo, têm colocado Finney em um pedestal de herói: “Ao lado de qual desses evangelhos você se colocará?”

Monte Wilson vincula corretamente Finney às mudanças no evangelismo e percebe que a estimativa incorreta de Finney a respeito da natureza humana é a raiz de sua crença no fato de que “avivamentos podem ser planejados, promovidos, propagados pelo homem”. A tendência moderna de confiar em técnicas de preparação para avivamentos pode ser atribuída a uma adoção desta falsa premissa de Finney. Quando o evangelismo é avaliado somente com base nos resultados, a responsabilidade desta avaliação tem de ser atri-

buída a Finney. Quando ministros do evangelho que não produzem os números apropriados de membros são vergonhosamente demitidos de seu púlpito, o observador prudente vê, por trás da tragédia, uma das máximas de Finney — “um ministro sábio será bem-sucedido”. Finney acreditava que, se todos os ministros do evangelho seguissem seu exemplo, o avivamento varreria a terra, introduzindo o milênio. Somente uma década depois da publicação de seu livro sobre avivamento — *Lectures on Revivals of Religion* (Palestras em Avivamentos da Religião), Finney queixou-se de que os avivamentos haviam diminuído, tanto em quantidade como em qualidade. Wilson comentou com exatidão: “Avaliados pelos padrões do próprio Finney, seus ensinamentos a respeito da maneira de produzir convertidos e avivamentos, bem como as pressuposições que fundamentavam tais ensinamentos se comprovaram errados”. Somente a eternidade revelará quantas das pessoas que começavam a experimentar verdadeira convicção de pecado nos avivamentos de Finney foram impelidos a tomar uma decisão espúria de salvação, arriscando assim a sua alma eterna.

Finney se tornou um grande catalisador na mudança da teologia que fundamenta o evangelismo. Visto que o arminianismo suplantou o calvinismo, o homem substituiu a Deus como centro da teologia do evangelismo. Robert H. Lescelius afirmou corretamente que, “desde aquela época, o arminianismo tem predominado no evangelicalismo americano”.

A teologia e o ministério de Finney foram construídos sobre a falsa premissa de que o calvinismo prejudica o evangelismo. Dois anos antes de Charles Finney ser batizado, sessenta e quatro pessoas haviam se convertido na mesma igreja. Finney chegou à fé em Cristo em meio a um avivamento regional, durante uma época em que o calvinismo dominava a atmosfera teológica.

A premissa permanece tão falsa hoje quanto o era nos dias de Charles Finney. Um contemporâneo de Finney na Inglaterra, o pregador batista Charles Haddon Spurgeon, edificou uma grande igreja e estava comprometido com a soteriologia reformada. O fenomenal e popular treinamento de evangelismo chamado *Evangelismo Explosivo* foi criado por um pastor presbiteriano, D. James Kennedy, cuja igreja continua a crescer fundamentada em uma teologia reformada.

O autor e pregador John MacArthur Jr. pastoreia uma igreja próspera e mantém pontos de vista

reformados. Ninguém pode defender com sucesso a premissa de que assumir uma posição arminiana na soteriologia significa tornar-se mais evangelístico do que uma igreja que mantém uma teologia reformada.

O legado de Charles Finney tem de ser considerado tão perigoso por causa da natureza antropológica de sua teologia e dos métodos resultantes dessa teologia. Em seu esforço

de combater o que ele via como uma forma extrema de calvinismo, Finney alterou desordenadamente a balança, ou seja, mudou o agir de Deus para o agir do homem na salvação. O evangelismo de Finney carecia do primeiro ponto do evangelho — uma transformação divina dos seres humanos, de pecadores a santos. O avivalismo de Finney deixou como resultado igrejas que ficaram em piores condições porque se dividiram quanto às “novas medidas” ou porque demitiram ministros piedosos que não tinham as propensões evangelísticas de Finney. Todos os métodos de Finney devem ser reavaliados sob um ponto de vista crítico no que diz respeito ao seu alicerce doutrinário. Em benefício da saúde futura do evangelismo, aquilo que é proveitoso tem de ser separado do que é prejudicial, no que diz respeito ao ministério de Charles

Finney. Por outro lado, Asahel Nettleton demonstrou o potencial saudável do evangelismo fundamentado

na teologia sã. O ministério de Nettleton não prejudicou as igrejas; em vez disso, proporcionou-lhes edificação. Pastores que trabalharam ao lado de Nettleton sentiam que estavam sendo abençoados por um copastor. Nettleton entendia que a igreja existia antes de chegar o avivamento e que continuaria ministrando ao povo, depois que o evangelista se dirigisse a outro lugar. Ele acre-

*Asahel Nettleton entendia que
“a teologia determina
a metodologia”.*

ditava que era muito importante manter a saúde da igreja.

Comparado com o elevado índice de abandono dos convertidos de Finney, Nettleton obteve uma marca notável na quantidade de pessoas que se mantiveram firmes, como resultado de suas reuniões. Pastores geralmente testemunhavam que, depois de mais de vinte e cinco anos, quase todos os que se haviam declarado convertidos permaneciam fiéis seguidores de Cristo.

Embora os números de Nettleton não alcancem os números de Finney, temos de perguntar quantos supostamente ganhos por Finney retornaram ao mundo. Comparado com Finney, Nettleton trabalhou em um campo geograficamente menor. Os lugares em que ele ministrou eram menos populosos. Alguém poderia indagar o que aconteceria se Nettleton tivesse ministrado nos centros populacionais visitados por Finney.

Asahel Nettleton entendia que “a teologia determina a metodologia”. Ele trabalhou conscientemente com pessoas, de um modo que honrou a ação divina que produziria conversões autênticas. O testemunho de Bennet Tyler descreveu o ministério de Nettleton como uma chuva generosa que nutria o solo ressecado e produzia fruto espiritual permanente. James Ehrhard afirmou que “muito surpreendente aos leitores modernos é a descoberta de que a tremenda eficácia de Nettleton aconteceu sem a instrumentalidade de qualquer dos métodos que os evangélicos modernos pensam ser essenciais no evangelismo”. Asahel Nettleton provou a metodologia pelo

padrão das Escrituras, porque sabia que qualquer outro procedimento causaria ruína no final, não importando quão bem-sucedida parecesse tal metodologia.

O legado de Asahel Nettleton oferece um fundamento melhor para o futuro do evangelismo. Ele não estava certo porque era um calvinista; estava certo porque avaliou o certo e o errado pela revelação bíblica, em vez de fazê-lo utilizando o raciocínio humano. Nettleton acreditava que os homens são totalmente depravados em sua natureza, porque a Bíblia o afirma. Acreditava também que Deus tinha de agir inicialmente na salvação, porque Jesus declarou isso com clareza (Jo 6.44; 6.65). Nettleton cria que a expiação foi uma substituição penal, porque ele a via retratada deste modo nas Escrituras. Nettleton acreditava que as pessoas podiam ser reconciliadas com Deus tão-somente pela fé em Cristo e pelo arrependimento para com Deus, porque a Bíblia ensinava isso. Ele acreditava que os verdadeiros crentes seriam conhecidos, em última instância, pelo viver santo, porque este era um princípio bíblico.

Os batistas do Sul têm jurado sua lealdade à revelação bíblica. Eles deveriam reavaliar seu comprometimento com o evangelismo pragmático de Finney, comparando-o com as Escrituras. Descobririam que as opiniões dele a respeito da natureza humana têm de ser repudiadas. Finney estava errado no que se refere à expiação como um pagamento em favor dos pecados de ninguém, em particular. Ele acreditava que a agência humana cumpria um grande

papel na salvação, um papel maior do que as Escrituras lhe permitem. Os erros de Charles Finney referentes às Escrituras produziram erros no viver diário, erros que até hoje são uma praga entre os batistas do Sul, especialmente a baixíssima taxa de retenção dos novos convertidos.

O excelente livro de J. I. Packer, *A Evangelização e a Soberania de Deus*, representa uma posição mais bíblica. Começando com o pressuposto de que Deus é soberano em todas as coisas e, particularmente, na salvação, Packer descreve a tensão bíblica entre a soberania de Deus e a vontade do homem como uma antinomia que tem de ser aceita. Packer adverte aqueles que enfatizam a responsabilidade humana em detrimento da soberania de Deus, afirmando que tal abordagem leva ao evangelismo “pragmático e calculado” com uma filosofia *aparentada* com a “lavagem cerebral”. Ele admite que tal evangelismo seria apropriado, “se o produzir convertidos”, e não a fiel proclamação da verdade, fosse a responsabilidade do crente. Packer também faz uma advertência àqueles que negligenciam a responsabilidade humana, a fim de exaltar a soberania de Deus. A tentação de tais pessoas é negligenciar a responsabilidade evangelística de todos os crentes, com base na suposição de que Deus salvará os eleitos. Packer censura essa atitude, chamando-a de apatia evangelística inescusável.

Citando o exemplo de Charles Spurgeon, que disse nunca haver tentado reconciliar amigos, J. I. Packer oferece uma perspectiva sadia e equilibrada que reconhece a dependência

mútua das verdades aparentemente contraditórias. Ele aconselhou com sabedoria: “Na Bíblia, a soberania divina e a responsabilidade humana não são inimigos.... São *amigos* e trabalham juntos”. Isto levou Packer à seguinte conclusão: “O melhor método de evangelismo.... é aquele que torna possível a mais ampla e completa explanação das boas-novas de Cristo e de sua cruz, bem como a mais exata e perscrutadora aplicação destas boas-novas”.

Visto que os batistas do Sul professam a crença na autoridade das Escrituras, eles acreditam na depravação humana e, portanto, têm de se posicionar contra Finney, juntamente com aqueles que afirmam que os homens são pecadores e necessitam de salvação, e não de uma reforma moral auto-induzida. Os batistas do Sul crêem que a salvação procede do coração de um Deus santo, mas gracioso, que providenciou uma expiação vicária na morte de seu Filho, Jesus Cristo. Eles crêem que a salvação pode ser obtida por meio do arrependimento e da fé em Cristo, como resposta à graciosa chamada de Deus, por intermédio do poder de convencimento do Espírito Santo.

Essas crenças devem compelir os batistas do Sul a repudiar sua associação teológica e metodológica com Charles Finney, impulsionando-os a se aproximarem do modelo fornecido por Asahel Nettleton, que incorporou a teologia e a prática sobre a qual a Convenção foi estabelecida. Finney acreditava que seus dias necessitavam de uma mudança rumo ao arminianismo, para que houvesse equilíbrio. A influên-

cia de Finney causou uma mudança extrema na direção da responsabilidade humana. Os batistas do Sul precisam contra-balancear a excessiva mudança de Charles Finney em direção ao homem, atingindo novamente o equilíbrio bíblico em sua teologia e prática de evangelismo.

Em dias recentes, regozijei-me em ouvir o Dr. Timothy George afirmando ser excelente o fato de que os batistas do Sul estão abrindo novamente o diálogo a respeito destes assuntos cruciais. Conforme disse o Dr. George, é positivo que estejamos conversando sobre a doutrina da salvação nestes dias, em vez

de estarmos falando sobre a ordenação de homossexuais ao ministério. Isso testemunha a certeza da autoridade bíblica em nossa família de fé. Portanto, andemos juntos, com a Bíblia e o coração abertos, tendo uma conduta controlada por Cristo, restabelecendo o equilíbrio correto entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana, na soteriologia.

(Extraído do “Founders Journal”, com adaptações e supressão de notas. Artigo originalmente dirigido aos batistas do Sul dos Estados Unidos.)

O TEMOR DE UM PASTOR

J. C. Ryle

O que eu temo em relação a você? Tudo. Temo que você persistirá em continuar rejeitando a Cristo, até que perca a sua alma. Temo que você seja entregue a uma mente reprovável e não desperte jamais. Temo que você chegue a tal dureza de coração e morte, que nada romperá o seu sono, exceto a voz do arcanjo e da trombeta de Deus. Temo que você se agarre a este mundo fútil, com tanto apego que nada poderá separá-lo dele, exceto a morte. Temo que você viva sem Cristo, morra sem perdão, ressuscite sem esperança, receba julgamento sem misericórdia e seja lançado inevitavelmente no inferno.

MOÇAMBIQUE E ANGOLA

Gilson Santos

MOÇAMBIQUE

Nos últimos cinco anos, a Editora Fiel vem realizando uma abençoada conferência para pastores e líderes em Moçambique. A quinta conferência anual aconteceu nos dias 27 a 30 de julho de 2004.

Moçambique é um país de língua portuguesa, localizado na África Austral e banhado pelo oceano Índico. A população, estimada pela ONU em 2002, era 19 milhões de habitantes, e a expectativa é que em 2050 Moçambique tenha uma população de mais de 31 milhões. A capital é Maputo, no sul do país.

O país convive com grande pobreza, e os índices de qualidade de vida são baixos, impondo um quadro geral bastante precário. Moçambique sofreu com a Guerra de Independência contra a dominação portuguesa. Obtida a independência em 1975, o país viu-se mergulhado numa guerra civil, que lhe trouxe graves conseqüências. O país está em

movimento e experimenta mudanças; percebe-se aqui e ali expressões de otimismo e esperança.

A conferência da Editora Fiel é realizada na cidade de Nampula, terceira cidade do país, localizada ao norte, acima do importante rio Zambeze. Em 1997, a população estimada de Nampula era 315 mil habitantes. Nos últimos anos, a cidade vem experimentando um crescimento impressionante, e alguns sugerem que esse número praticamente triplicou.

Em Nampula, há alguns anos, está instalada a Livraria Fiel, que, recentemente, passou por dois momentos difíceis. O primeiro, devido ao retorno de um missionário que a coordenava; ainda não se encontrou outra pessoa para substituí-lo. O segundo momento difícil deu-se no último mês de agosto, quando a livraria foi assaltada. Um dos seus funcionários – um crente simples e dedicado – foi brutalmente assassinado. O assassino já foi identificado,

e alguns dos bens furtados foram reavidos.

O trabalho da Editora Fiel é coordenado em Moçambique pelo missionário norte-americano Karl Peterson, que tem seu escritório em Maputo. Ele administra todo o processo de inscrições; gerencia o Projeto Biblioteca do Pastor e estabelece contatos com os pastores. Durante a conferência, ele ministra alguns *workshops*, e é muito amado pelos irmãos moçambicanos. O médico e missionário Dr. Charles Woodrow, que reside em Nampula, coordena toda a parte logística da conferência. O Dr. Woodrow, que está estabelecendo um hospital em Nampula, coordena pessoalmente todos os detalhes de transporte, hospedagem e cozinha, esforçando-se para que todos tenham acolhida eficiente, acomodações dignas e boa alimentação.

Muitos dos presentes na conferência viajam muitas horas, alguns enfrentando um percurso de quase três dias, utilizando barcos, caminhões e ônibus. Mesmo assim, quando chegam ao local da conferência, aguardam com grande ansiedade o início das reuniões. Estas transcorrem de forma bem participativa, os ouvintes são bem atenciosos, e canta-se bastante, com muita expressividade e alegria. A África é música! Em 2004, a conferência contou com cerca de 150 adultos inscritos.

Os preletores deste ano foram os irmãos Pr. Choolwe Mwetwa, da Zâmbia, e Pr. Gilson Santos, do Brasil. O pastor Mwetwa é o terceiro pastor zambiano a pregar na confe-

rência em Moçambique. País vizinho de Moçambique, na Zâmbia fala-se o inglês, e o Pastor Mwetwa foi traduzido pelo irmão Tiago Santos, gerente da Editora Fiel no Brasil. Os preletores trataram diversos aspectos expositivos e práticos, sobre o tema geral “Cristo Amou a Igreja”.

Durante a conferência, os líderes desfrutaram de bom companheirismo e promovem frutíferos encontros de avaliação. A fraternidade entre os pastores impressiona, assim como entre as esposas.

A livraria cumpre um papel muito importante durante todo o evento. Os pastores moçambicanos têm sido grandemente influenciados por uma literatura sã, e a este respeito dão efusivo testemunho, com ações de graça. No presente, 56 pastores têm sido beneficiados pelo Projeto Biblioteca do Pastor, recebendo periodicamente esta revista, livros e, eventualmente, auxílio para participação nas conferências. É grande a alegria e gratidão que demonstram pelas igrejas que lhes dão este apoio oportuno. Atualmente, 27 brasileiros participam do projeto, adotando pastores e líderes moçambicanos; este número, com toda certeza, poderia ser exponencialmente maior.

ANGOLA

Também neste ano foi realizado um primeiro encontro com alguns pastores e líderes em Angola. Esse encontro, realizado nos dias 3 a 5 de agosto, foi um primeiro contato tendo em vista a implantação dos

ministérios da Editora Fiel naquele país.

Angola é o outro país de língua portuguesa na África Austral. É banhado pelo oceano Atlântico; ali a influência brasileira é muito grande. O país tinha em 2003 uma população estimada pela ONU em 13 milhões e 900 mil habitantes.

O país sofreu muito com a guerra pela independência do domínio português. A independência foi obtida em 1975, depois de 490 anos de conquista, ocupação e colonização por parte de Portugal. Depois, o país viu-se mergulhado em sangrenta guerra civil, cujo armistício deu-se em 2002, com a mediação da ONU. A paz recente ainda traz certa insegurança e desconfiança. O interior do país foi bastante devastado, com muitos terrenos minados e grande número de mutilados.

Em nossos dias, muitos angolanos dispersos pela guerra estão retornando ao país. A expectativa é que em 2050 Angola tenha uma população de mais de 43 milhões de pessoas. As coisas estão acontecendo numa velocidade incrível, com mudanças intensas, a passos largos. Chegam em Angola muitas organizações humanitárias e ONGs internacionais.

A capital é Luanda, ao noroeste do país. Em 2001, a cidade contava com uma população estimada em 1.500.000 habitantes. Alguns sugerem que esta população é mais do que o dobro. A guerra fez a cidade inchar e acentuou a desorganização social. As condições são precárias: o

lixo se acumula nas ruas; bairros enormes não têm serviços básicos, como água, luz e esgoto; há uma nuvem de poeira sobre a cidade; e o trânsito é caótico. O angolano, não obstante, é simpático, hospitaleiro e dinâmico.

A Editora Fiel deu início em Angola ao Projeto Biblioteca do Pastor, entregando seus primeiros livros. Esta revista também tem sido enviada para diversos pastores.

Este primeiro encontro foi muito encorajador, e há grande expectativa pela expansão do ministério da Editora naquele país, onde muitos pastores militam em condições de grandes adversidades. Alguns deles têm tido a oportunidade de estudar em instituições teológicas no Brasil, e nutrem grande respeito e gratidão pelas igrejas e missionários brasileiros.

A África Meridional é uma das regiões do mundo mais afetadas pela AIDS, e é raro uma igreja ali que não tem de deparar-se com esta realidade. Moçambique e Angola não são exceções.

Em toda aquela vasta região, cercados por vizinhos que têm o inglês como idioma europeu oficial, encontram-se estes dois países de língua portuguesa. Há muitas portas abertas. Moçambique e Angola constituem-se numa grande responsabilidade para as igrejas do Brasil. Oremos para que Deus prossiga abençoando o ministério da Editora Fiel nestes dois países, trabalho este que merece o nosso melhor apoio e encorajamento.